



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS (CCBSA)
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Thaillane de Souza Nobre

Como as mulheres negras têm rompido com relações desiguais através do Teatro das Oprimidas

João Pessoa – PB

2023

Thaillane de Souza Nobre

Como as mulheres negras têm rompido com relações desiguais através do Teatro das Oprimidas

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus V, como requisito para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann

João Pessoa – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N754c Nobre, Thailane de Souza.

Como as mulheres negras têm rompido com relações desiguais através do Teatro das Oprimidas [manuscrito] / Thailane de Souza Nobre. - 2023.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Mulheres negras. 2. Teatro das oprimidas. 3. Desigualdade. I. Título

21. ed. CDD 305.8

THAILLANE DE SOUZA NOBRE

**COMO AS MULHERES NEGRAS TÊM ROMPIDO COM RELAÇÕES
DESIGUAIS ATRAVÉS DO TEATRO DAS OPRIMIDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Relações Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Relações
Internacionais.

Aprovado em: 30/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Gabriela Gonçalves Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Rachel Nascimento da Rocha
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)

Dedico esse trabalho a Deus, pois sem Ele e a sua graça e misericórdia nos momentos mais angustiantes da minha vida eu não estaria aqui.

“Ele dá força ao cansado, e aumenta as forças ao que não tem nenhum vigor.”
{Isaiás 40:29}. A Deus, dedico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	8
3 A RELAÇÃO DA MULHER NEGRA COM O TRABALHO	9
4 O TEATRO DAS OPRIMIDAS - REDE MA(G)DALENA	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	19

COMO AS MULHERES NEGRAS TÊM ROMPIDO COM RELAÇÕES DESIGUAIS ATRAVÉS DO TEATRO DAS OPRIMIDAS

THAILLANE DE SOUZA NOBRE

RESUMO

A desigualdade que atinge mulher negra remonta aos tempos coloniais em que sofriam a exploração sexual e do trabalho, assim como uma tripla discriminação, uma vez que, não são homens (brancos ou negros) e não são brancas. A sociedade brasileira ainda se encontra embebida no preconceito de gênero e raça, no entanto, a movimentos que lutam para o fim dessas opressões, especialmente, contra as mulheres negras, dessa maneira o teatro das oprimidas atua em maneiras de construir uma consciência política não só das mulheres sobre si mesmas, mas para a sociedade em geral a fim de que vejam que a mulher negra tem seu lugar e que agora se faz ciente dele.

PALAVRAS CHAVE: mulher negra, desigualdade, teatro das oprimidas

RESUMÉN

La desigualdad que sucede la mujer negra remonta a los tiempos coloniales en que sufrían la exploración sexual e de trabajo, así como una triple discriminación, una vez que, no son hombres (blancos o negros) y también no son blancas. La sociedad brasileña aún se encuentra empotrada en preconceito de género y raza, sin embargo, a movimientos que luchan para el fin deseas opresiones, especialmente, en contra las mujeres negras, por eso creo que el teatro de las oprimidas actúa en maneras de construir una conciencia política no apenas sobre sí mismas, pero también a la sociedad en general el fin de que vejan que la mujer negra tiene su lugar y que ahora fase consciente del.

PALABRAS CHAVE: mujer negra, desigualdad, teatro de las oprimidas

1 INTRODUÇÃO

A trajetória sócio-histórica foi alimentada pela falsa ideia de uma soberania racial branca, e que gerou como resultados, sociedades construídas pelo racismo, de maneira que, indivíduos que se vêem como brancos ou são vistos como brancos por essa sociedade obtêm representativos privilégios materiais ou figurativos, enquanto pessoas negras não. (SCHUCMAN 2012)

A Interseccionalidade e a perspectiva do feminismo negro serão utilizadas como base teórica para verificar a importância dessa conexão em relação à desigualdade social, observando essa discussão a partir de 1970 até a atualidade a análise dos impactos que essa discussão tem gerado, contribuindo para a reflexão e atingimento da equidade, ao passo que se observarão possíveis desajustes nesse encontro, e a necessidade de enxergar as questões dos próprios movimentos sociais negros, como a questão no Movimento Negro Unificado.

Nesse contingente, para Carneiro (1993), houve uma identificação de que no MNU (Movimento Negro Unificado) a mulher passa por particularidades mesmo dentro de uma organização de ação política que fala sobre a negritude, mas assim como o feminismo ocidental os discursos deste não abarcavam suas mazelas, destarte, a partir do Movimento Feminista e do Movimento Negro procuram dar outra direção a esses movimentos, pensando o **ser negra**. Com essas compreensões, nasce o Movimento de Mulheres Negras, doravante das particularidades que as mulheres negras enfrentam, a criação de um grupo politicamente organizado que **defende a averiguação** do que consistem em essas particularidades mostram-se coerente.

Para Caribé 2018, não se deve esquecer de que o preconceito é contagioso e que a sociedade foi educada e condicionada a refletir segundo as estruturas coloniais e racistas. Assim sendo, o esforço interno que cada ser humano acordado desse fato na estrutura social deve, de forma constante e perene, desconstruir seu próprio racismo.

Tecendo ainda mais o fio da perspectiva anterior, Lélia Gonzalez (2020), invoca a realidade histórica de que o racismo é fruto de um amontoado de concepções e práticas fortalecidas no pós escravidão, dado que favoreceu grupos sociais específicos. Falando sobre a mulher negra na formação social, cultural e econômica do Brasil a herança que

ficou para essa mulher desde a colonização foi a subalternidade, que se desenha com atos de discriminação nas suas mais diversas faces como a racial, sexual, intelectual, de classe e gênero.

O Teatro das Oprimidas, é um estudo estético investigativo que nasce da necessidade de desenvolvimento de processos de representação teatral que não culpabilizassem as mulheres, e não individualizassem a encenação de conflitos que as desafiam, analisando-os socialmente. De tal modo que, apesar da valorização da subjetividade e da mística do teatro, o objetivo do Teatro das Oprimidas desde o começo é criar meios de consciência política para a ação concreta para a transformação. (SANTOS; VANNUCCI, 2020)

Ainda que no último século seja inegável o avanço das mulheres na criação de territórios de reivindicação e luta, graças aos quais se garantiu a conquista de direitos e a ampliação da participação nas instâncias de poder, contudo, no mundo inteiro, milhares de mulheres continuam sendo vítimas da violência machista e carregam a culpa e vergonha das violências que sofrem por parte da branquitude. O Laboratório Madalena (parte do Teatro das Oprimidas) é uma experiência teatral focada nas mulheres dedicadas a criar um espaço de compreensão das opressões que as mulheres sofrem, mas, também, reflete acerca dos processos internalizados, com o propósito inicial de que uma mulher poderia ser o “espelho” da outra; dessa forma, seria mais fácil ver os olhares de si mesmas. (SANTOS, 2020)

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa será de natureza qualitativa, devido a aspectos da realidade que não conseguem ser quantificados como o silenciamento da mulher preta dentro do Teatro das Oprimidas e as consequências dessa questão. Bibliográfica desenvolvida inicialmente, a partir do livro Teatro de las Oprimidas: estéticas feministas para poéticas políticas, entrevistas, periódicos, artigos de opinião, depoimentos de participantes da rede, laboratórios e oficinas do teatro das oprimidas que carregam em sua estrutura o objetivo de mostrar as amarras as quais as mulheres negras estão presas e artigos científicos. Dessa forma, o método descritivos-explicativos também será utilizado para explicar os conceitos e as características de entrelaçamento entre o Teatro das Oprimidas e desigualdade social, como também os fatores que contribuem para a ocorrência das

desigualdades sociais. O método que será usado na pesquisa é o indutivo, pois serão usados conhecimentos já existentes, porém não unânimes com a finalidade de ampliar a discussão acadêmica.

3 A RELAÇÃO DA MULHER NEGRA COM O TRABALHO

A relação da mulher negra com o trabalho é antiga. No século XX, o feminismo iniciou suas lutas em uma tentativa de obter igualdade entre os gêneros, com movimentos libertários que ganharam as ruas pedindo por direito ao trabalho, à educação, ao voto e a liberdade sobre seus corpos tanto em sua vida sexual, como com a falácia paternalista sobre as mulheres (PINTO, 2010). De acordo com a tradição cristã, o papel do homem seria de prover, chefiar e defender a família.

Entretanto, segundo Sueli Carneiro (2013), parte das mulheres negras não se identificaram com a tônica do movimento feminista que lutava pelo direito ao trabalho e a autonomia sobre seus corpos brancos, enquanto as mulheres pretas sempre sofreram com a coisificação dos seus corpos e a subjugação da sua vontade, estas nunca passaram pela narrativa da “fragilidade feminina”, argumento esse que “justificava” o paternalismo masculino com as mulheres brancas, uma vez que, esse grupo de mulheres não era tratado como frágil, trabalharam durante séculos nas lavouras enquanto escravizada, como vendedoras, nas casas dos senhores e como prostitutas. Dessa maneira, uma parte das mulheres negras não se veem representadas pelo feminismo hegemônico.

Para Oliveira (2009), na realidade escravocrata, a mulher preta foi tida como objeto do trabalho, tendo seu corpo objetificado e sem poder sobre ele. bell hooks (1995, p. 468) afirma que “desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva”.

Isso fica mais evidenciado com Lira (2018), que afirma que a miscigenação brasileira não ocorreu pacificamente, foi fruto da violência sexual e de diversos abusos contra as mulheres indígenas e negras, visto que essas eram tidas como propriedade do homem branco.

Desde a abolição da escravatura coube à mulher negra ser a pilastra da sociedade nos primeiros anos em que a sociedade brasileira juridicamente tentava sustentar no argumento de que existia uma igualdade entre as pessoas. A essa mulher foi delegada a

função de sustentar moralmente e financeiramente a família, aumentando sua já extensa carga de trabalho, ao ter a incumbência em cuidar da casa dos patrões e da sua (RIOS, F; LIMA, M, 2020).

Nos anos 1950, o censo era de que 90% das mulheres negras trabalhavam no setor doméstico e que a escolaridade destas era baixa; nos anos seguintes os dados se confundem com o pretexto de que é difícil delinear em uma pluralidade o que é ser negro para obter dados específicos. Essa realidade demonstra como há a intencionalidade em mascarar a situação da mulher negra na sociedade brasileira, projetando no imaginário social a não existência de discriminação racial (RIOS, F; LIMA, M, 2020). Mesmo agora, no ano de 2023, de acordo com o PNADC/IBGE, o número de mulheres negras em idade ativa é de 28,3% em 2022, e dessas 51, 5% estão no mercado de trabalho, quer buscando um emprego ou com um emprego temporário. Esses dados corroboram para a percepção de que a realidade da mulher negra dentro do mercado de trabalho é muito difícil. (FEIJÓ, 2022)

Ribeiro (2017) retrata que a mulher negra é vista como o Outro, à medida que é imaginada como algo à parte do gênero humano, como objeto, pensada a partir do homem branco e não dela mesma. Nessa perspectiva, essa mulher sofre também a dificuldade de ser vista enquanto indivíduo; para a autora, o status das mulheres brancas é oscilante, pois são mulheres, mas são brancas; o mesmo princípio é pensado sobre os homens negros, pois são negros, mas são homens. Já as mulheres negras, nesse entendimento, não são nem brancas e nem homens, exerceriam assim, a função de Outro do Outro.

De acordo com Lélia Gonzalez (2018), existe uma divisão do trabalho em raça e gênero, não tarda se concluir os diferentes tipos de discriminação - classe, raça e sexo, sofridos pela mulher negra, bem como o lugar a que foi imposta na força de trabalho. Essa divisão mantém esse gênero em particular em camadas mais pobres da sociedade em um estado de desigualdade que se arrasta ao longo da história dessas mulheres.

Sueli Carneiro (2011), corrobora e afirma que a ligação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras um tipo de asfixia social com consequências negativas em todos os quesitos da sua vida, que se apresentam como baixa autoestima, saúde mental afetada por sequelas emocionais; uma expectativa de vida menor em até cinco anos em relação às mulheres brancas, menor índice de casamento, e acima de tudo, a restrição aos trabalhos de menor remuneração e prestígio. E acrescenta:

O racismo e o sexismo são variáveis estruturantes da sociedade, configuram como instrumento do capitalismo para hierarquizar a classe trabalhadora e justificar as desigualdades sociais, aprofundando ainda mais os níveis de exploração.

Nos dias atuais, os desafios do mercado de trabalho se mantêm, mas agora de maneira mais disfarçada - quando apesar das mulheres negras terem conseguido chegar à graduação e à pós-graduação, que proporcionam status na sociedade, ainda têm de lidar com a seletividade do ambiente de trabalho, como em multinacionais e grandes empresas em que a classificação e escolha de candidatos ainda é demarcada pela cor da pele. O crescimento desigual na sociedade faz parte do cotidiano da população negra, apesar da evolução ocorrida e do acesso de muitos à classe média; para essa parcela da comunidade, a deterioração das oportunidades de emprego implica em baixas condições de vida e desigualdade social (GONZÁLEZ, 1979)

As organizações feministas negras, em 1990, passaram a descrever o *machismo*, *pobreza e racismo* como um trinômio que funciona como uma maneira de rebaixamento da mulher negra (SANTOS, 2009). Na literatura e no discurso do movimento feminista no Brasil pouco se fala da mulher negra, e pouco é trazido dentro desses contextos de escrita e da fala a subjugação sexual, econômica e social a que estão submetidas, assim como das esferas mais pobres, mas ainda menos é retratado da repressão racial sofrida por elas (GONZALEZ, 1979)

A mulher negra brasileira dos dias de hoje sofre com o tipo de imagem que lhe é incumbido e/ou das mais diversas variedades de superexploração e alienação a que está sujeita. Mas apesar dessas adversidades que acompanham a trajetória dessa mulher, é necessário expor as estratégias de que se utiliza para sobreviver e resistir em um corpo social racista e capitalista como o nosso (RIOS, F; LIMA, M, 2020).

Segundo Carneiro (2003), ao discutir a respeito das desigualdades as lutas feministas empoderam as mulheres enquanto novos indivíduos políticos. De uma outra perspectiva, é exigido a admissão das variadas diferenças que existem em meio dessas mesmas mulheres. Conforme, a afirmação anterior é importante que a diversificação entre esse gênero seja feita para que as desigualdades não sejam tomadas como as mesmas em todas as medidas, quando claramente é constatado na história, e ainda hoje, a disparidade marcada pela cor e gênero.

Ribeiro (2018) apresenta que quando é discutido identidades, pode-se dizer também que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, não é meramente identitário, envolve também pensar como algumas identidades são aviltadas e faz-se considerável que seja ressignificado o conceito de humanidade, em razão das pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não serem tratadas como humanas. Corroborando com isso, Wallestein afirma:

[...] el producto y la justificación de las desigualdades entre las zonas centrales y las zonas periféricas de la economía - mundo capitalista. Se manifiesta política, económica y culturalmente, en nuestra forma de pensar, hablar y proceder. La colonialidad se reproduce a sí mismo, pese a que las personas que se encuentra en los niveles más bajos de la jerarquía a tratan, obviamente, de luchar contra ella. (WALLESTEIN, Immanuel, 1992, p. 6)

Diversos movimentos sociais lutaram e continuam lutando para que essas desigualdades sejam superadas, partindo principalmente do ponto de que a mudança inicie na modificação da visão social sobre mulher negra. Os movimentos sociais fornecem ferramentas de luta e de autoaceitação, de orgulho pessoal e social. Uma dessas iniciativas é o Teatro das Oprimidas, que será tratado na seção seguinte.

4 O TEATRO DAS OPRIMIDAS - REDE MA(G)DALENA

Segundo Maria Bernardete Toneto (2022), sob uma perspectiva cultural cabe refletir sobre a determinação das mulheres, e aqui coloco no sentido da determinação das mulheres negras, que vai além das concepções de pensamento em que se possam definir em um “texto”, mas como uma proporção em uma associação social à cultura que funcione como uma ferramenta de ingerência em um mecanismo de poder no mundo. A arte permite que o indivíduo questione doutrinas, costumes e hábitos sustentados na vida. (BOAL, 2009)

A Rede Ma(g)dalena é um grupo de mulheres negras feministas e ativistas da África, América Latina e Europa que, por meio de ações sólidas pelos direitos das mulheres, proporciona o debate a partir do Teatro das Oprimidas, em que são retratados, por meio de espetáculos teatrais, como as violências de raça e gênero impactam a vida das mulheres negras; o Teatro das Oprimidas nasce da imprescindibilidade e do interesse em ampliar as oportunidades de atuação em o processo estético que busca valorizar a compreensão subjetiva dos problemas para evidenciar a profundidade das personagens e

as situações experienciadas por elas, simultaneamente, enfatiza contextualizar a questão expressando os modos de opressão.

Seguindo a perspectiva do reconhecimento de opressões é importante trazer o entendimento de Maldonado Torres (2008), sobre a atitude decolonial que para o autor é o clamor que acontece de maneira singular, isto é, a própria maneira do sujeito face cruel realidade dos valores e comportamentos da colonização almejando a mudança do sistema mundo moderno e do direcionamento do entendimento de que não há outro conhecimento real se não o já propagado.

Na compreensão de Fanon (1961), a violência que se proclamou no predomínio dos valores brancos, a brutalidade que se fundiu na disputa vitoriosa de tais valores com modos de viver e/ou questionar dos colonizados, tornam que, justa uma mudança nas coisas feitas pelos colonos diante dos princípios estabelecidos. Isso significa que a constatação das opressões sofridas permite uma libertação das amarras coloniais, uma vez que:

Pode argumentar que existe, se não uma cegueira, pelo menos uma grande insensibilidade social com relação às desigualdades. Dimensões gravíssimas da iniquidade, da injustiça, da exploração pática de populações vulneráveis estão naturalizadas e não suscitam inquietações éticas e morais (DUBET, 2003b, p. 11).

Em uma entrevista à revista *Philos* em 2019, Bárbara Santos, que é atriz, escritora, militante feminista, dramaturga, diretora teatral, e também a fundadora da Rede Ma(g)dalena Internacional do Teatro das Oprimidas, descreve a mulher como o Oprimido, e principalmente a mulher negra. Apesar dos inegáveis avanços quanto a alguns direitos sociais, as oportunidades dentro do mercado e na ascensão social, a desigualdade de salário e a violência continuam sendo parte da vida e do cotidiano das mulheres. O público que é **diligenciado** é população da comunidade, jovens negras, que são especialmente excluídas e oprimidas. É importante a observação da interseccionalidade dessas realidades de opressão, das estruturas de poder e de uma construção identitária: como viver na periferia e ser uma mulher negra que mora nesse espaço. (COLLINS, 2020; SANTOS, 2019)

Entre as variadas interpretações abordadas dentro do Teatro das Oprimidas está também a “violência velada”, aquela que tem início em casa, desde a infância e se perpetua dentro de outras paredes da vida da mulher onde esta não é vista com um ser completo, atingindo essa completude apenas quando está ao lado de um homem.

No Teatro do Oprimido existe o Teatro Fórum, um dos ramos do Teatro do Oprimido; nele, é encenada uma questão de opressão escolhida pelo grupo de artistas, quase sempre amadores; a partir de então, a encenação ocorre novamente e qualquer pessoa da plateia pode substituir um “ator”, modificando a opressão.

Isto causava, às vezes, distorções, onde um homem branco tomava o lugar de um homem negro, ou um homem branco substituía uma mulher negra, e agia como se pudesse “ensinar” a pessoa, já oprimida naturalmente pela sua condição social. Quando isso ocorria, ou era claro que a vítima estava sendo novamente vitimizada, ou que o homem branco, colonizador, machista, cisgênero, estava mostrando sua capacidade superior de “ensinar”, o que é totalmente prejudicial, tornando, através dessa forma de teatro, a evidente marca eminentemente branca que havia dentro do cenário teatral, revelando, principalmente, privilégios e poder, mesmo no Teatro do Oprimido, que tinha a intenção de superar a opressão.

O Teatro das Oprimidas segue esse modelo artístico; contudo, neste, havendo a substituição da personagem oprimida apenas por alguém da mesma identidade social que ela, estimulando que as outras intervenções fossem realizadas do lugar social dos espectadores e espectadoras. (SANTOS, 2020)

Dentro desse espectro, é importante evidenciar o Teatro das Oprimidas Madalena Anastasia, outra subdivisão do Teatro das Oprimidas, que lida especificamente com mulheres negras. Esse relato se desenvolve a partir de uma apresentação do Laboratório Madalena na Região Metropolitana do Cariri Cearense, na cidade de Juazeiro do Norte, que tem como figura histórica o Padre Cícero ou “*Padim Ciço*” (como chamam alguns caririenses) e nesta cidade existe o que a história chama de o “milagre do Juazeiro”.

A ideia de um novo ramo do teatro das oprimidas começa quando as integrantes do teatro descobrem a respeito desse evento e toda sua memória, que se dá quando uma hóstia se transformou em sangue na boca da beata, Maria de Araújo, e esse fato se repetiu algumas vezes o que fez com que os locais acreditassem se tratar do sangue de Jesus; com as desconfianças da igreja sobre o milagre houve a suspensão de Padre Cícero e perseguição a Maria o que fez com que as atrizes identificassem a história de Maria de Araújo com a de Maria Madalena e considerando o fato de que Maria de Araújo morreu sem ter sua história validada e seu corpo desapareceu, provavelmente, para que não

houvesse adoração a ela conectaram também a trajetória de Anastácia¹. (CAVA, 1985; SANTOS, 2020; TEIXEIRA, 2010)

Após algumas oficinas na África Oriental e Ocidental, bem como, laboratórios, seminários e encontros, a exemplo o II Encontro Madalena Internacional, em Berlim em 2013 e o IV Encontro pela Paz na Bolívia e 2014, as participantes do Teatro das Oprimidas verificaram, ao tentar fazer um Laboratório com a presença de um público majoritariamente de mulher negras e indígenas, a dificuldade de conseguir passagem, espaço, em alguns grupos tradicionais permissão para as mulheres participarem e a partir da produção teatral de **Consciência da Cabelo aos Pés**² a imagem, o logotipo que foi se transformando para essa produção foi o de uma mulher negra, uma Madalena Anastacia. (SANTOS, 2020)

Pensando na mudança e desconstrução propostas pelo Teatro das Oprimidas, Santos (2016), usando Augusto Boal e Paulo Freire como referência, descreve que o teatro de um e a pedagogia do outro passam por trajetórias diferentes, mas que também se interseccionam, ao passo que, instigam o oprimido a desenvolver sua própria perspectiva sobre o mundo e ter um conhecimento da estética inclusivo e único, de forma que a sua libertação do opressor seja possível a partir do início de espaços de diálogo como meios para sanar divergências reais, considerando como primeiro ponto o uso de histórias reais narradas a contar por um entendimento próprio e suas particularidades. (SANTOS, 2016)

Dentro dos encontros existem também momentos de formação crítica, política com debates, reflexões, rodas de conversa, divergência e convergência de opiniões, além de leituras de autoras nacionais e internacionais sobre feminismo negro, feministas da contemporaneidade como Lélia Gonzalez, Carla Akotiene, Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks, Djamila Ribeiro, entre outras, essas reuniões acontecem por vezes de maneira assíncrona, já que o deslocamento e o tempo são um empecilho para muitas.

¹ Por se negar a ser amante de seu senhor (dizem alguns), ou para que não mais pudesse falar contra a escravidão (explicam outros), ou, ainda, por “roubar” um torrão de açúcar, quando trabalhava na lavoura, ou por todas essas razões, Anastácia foi **sentenciada** a espancamentos constantes, bem como a usar mordaça de ferro **por toda a vida**, só tirada às refeições, e a gargantilha de ferro.

² É um teatro-fórum-musical em que, nas palavras de Santos (2020), “mulheres negras atuam com perguntas que exploram a partir de uma reflexão provocativa sobre a estética negra. A consciência desperta na aparência do cabelo e avança através de suas raízes corpo adentro rasgando a alma” (tradução minha)

Santos (2020) confessa, que a proposta anteriormente descrita é para a artista um marco em se tratando de Teatro das Oprimidas, revela que quando entra em cena atua desde a sua identidade social, encena perspectiva de transformação para aplicá-las a realidade – não no lugar do outro, mas em seu próprio lugar. E dentro desse espectro esse seria o ensaio para atuar na revolução da maneira que, segundo a dramaturga, seria a mais potente e possível para si mesma.

“... a. resgatar os valores da cultura africana, marginalizados por preconceito à mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante; b. Através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tentar educar a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão etnocentrista de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental; c. Erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquilado de preto, norma tradicional quando a personagem negra exigia qualidade dramática do intérprete; ...” (NASCIMENTO, 2016 p. 161)

Nascimento manifesta a perspectiva sobre a branquitude nas interações sócio-raciais no Brasil: na ideia equivocada do branco de se achar superior em detrimento de outras raças e traz como um meio para educá-los a estética do teatro pedagógico e didático. “O teatro é instrumento libertador de ações e visões, tem objetivo de trazer à cena o ator e o não ator com vontade de dizer algo através da linguagem do teatro. [...] todo teatro é necessariamente político.” (BOAL, 1980)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro das oprimidas, em especial o coletivo Anastácia, inspira a um processo investigativo sobre o resgate da identidade da mulher negra que é obstruída pelo racismo, desigualdade e patriarcado. A simbologia que essa forma de teatro representa é a luta contra o sexismo e o racismo, convocando as mulheres pretas a uma experiência estética e política.

“Esa cabellera

Ancestralidad

Ese tu cabello

Canta una verdad

Esa cabellera

Carga una historia

Vé en tu cabello

Futuro y memoria...” (SANTOS, 2020)

As desigualdades se somam aos duros níveis de vulnerabilidades que atravessam a vida e as experiências das mulheres negras demonstrando uma tripla articulação que se revela na história e em outros aspectos próprios que conceito de **interseccionalidade** descrito por Kimberlé Creenshaw (2002) tenta explicar. Lélia Gonzalez (1984), escreve que a indivisibilidade da tripla violência se originaria na colonização, que formaria a estrutura de uma sociedade racista, capitalista e patriarcalista.

Nesse sentido, o racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. A recorrência abusiva, a inflação de mulheres loiras, ou da “loirização”, na televisão brasileira, é um exemplo dessa disparidade. (CARNEIRO, 2003)

A trajetória de mudança, liberdade, empoderamento de uma minoria³, a quebra de um paradigma como o racismo, o sexismo, a desigualdade, etc, estruturas que colocam as mulheres negras em uma espécie de aprisionamento dentro de si mesmas, que as subvertem a cargos menores, menores salários, baixa autoestima, são muito difíceis de romper, mas não são impossíveis, dentro do teatro das oprimidas é uma percepção que ocorre a partir do corpo como um despertar e não apenas da linguagem verbal. No teatro proposto por Santos, uma das metodologias desenvolvidas dentro do grupo é a da criação de processos de consciência política para a execução concreta para a transformação.

Segundo hooks (2015), a tomada de consciência é transformadora e feminista (e aqui dou ênfase ao feminismo negro) na relevância de compreender o patriarcado enquanto mecanismo de dominação e de que maneira ele se “legitimou” e é propagado e mantido na sociedade. É preciso uma voz que seja parte dessa luta libertadora, o primeiro passo da mulher oprimida no caminho para a autoconsciência.

Dessa maneira, podemos observar o impacto do teatro das oprimidas na vida das mulheres negras a partir dos seus laboratórios, oficinas, atos e escritos. Com isso, descrevo um trecho do depoimento da participante e colaboradora, Claudia Simone dos Santos Oliveira, sobre o teatro das oprimidas:

³ Segundo o sociólogo Mendes Chaves “[A palavra minoria se refere a] um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa situação de dependência ou desvantagem em relação a um outro grupo, “maioritário”, ambos integrando uma sociedade mais ampla. As minorias recebem quase sempre um tratamento discriminatório por parte da maioria.”

No Laboratório Madalena fui motivada a repensar o lugar de mulher na sociedade, e ir em busca de compreender os sentimentos de inferioridade, culpa, fraqueza, invisibilidade e a falta de pertencimento. A experiência me estimulou a pertencer, compartilhar, conhecer e não me sentir sozinha em uma sociedade que reforça a supremacia masculina. Descobri que esses não eram sentimentos que pertenciam unicamente a mim. (...) No Laboratório fomos provocadas a questionar a normalidade de servir, a maternidade como algo natural, as representações sociais de puta e de santa sem lugar para outras possibilidades, a ditadura midiática da beleza hegemônica e da juventude eterna, o sonho do amor romântico.” (tradução minha)

Nesse ponto de vista, o confronto das mulheres negras em combate as opressões de raça e gênero vem esculpindo novos traços para a ação política anti-racista e feminista, fomentando não somente o debate racial, mas também a matéria de gênero dentro da sociedade brasileira. É possível identificar com o depoimento de Cláudia Oliveira, assim como apontado por González (1989), que o lugar que parece reservado a mulher negra é o de segregação em amplas áreas da sua vida. (CARNEIRO, 2003; GONZALEZ, 1989)

Expor que existem opressores e oprimidos não toma, como falam muitas vezes, um resumo do mundo. É, pelo contrário, o ato de questioná-lo, é ir para além de uma moral que faria oposição ao que seriam pessoas boas e pessoas “más”. Toca na necessidade de reconhecer que os sujeitos não iguais e não sofrem as mesmas opressões, e que não estão restritas ao que as oprime. (BOAL, 2019)

"Neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (GONZALEZ, 1984). A prática é indagativa: elas fazem um levantamento e, assim, ao se alinharem, assumem seus corpos. A ação tem uma finalidade: a revolução é contra algo específico, as mulheres sabem o que querem destruir, que conjuntura desejam por fim. (BUTLER, 2017)

No teatro das oprimidas é possível testemunhar uma luta a fim de preservar os direitos adquiridos, ir em busca de caminhos contra os retrocessos nas conquistas das mulheres negras e também expandir o debate sobre as múltiplas violências que atravessam o corpo e a vida das mulheres. E, pela impossibilidade de refletir a respeito das reproduções de estruturas traumáticas, como sobreposição às inúmeras formas do poder patriarcal. (OLIVEIRA, 2020)

REFERÊNCIAS

- AKORTIENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BILGE, Sirma. **Théorisations féministes de l'intersectionnalité**. Diogenes, 1 (225), 2009.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BUTLER, Judith. Levante. In: DIDIHUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo: Sesc, 2017.
- CARIBÉ, T. **Caminhos de volta: o retorno consciente às origens**. In: OLIVEIRA, H. (Org.). *Desvelando a alma brasileira: psicologia junguiana e raízes culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro** / Ralph Della Cava; tradução Maria Yedda Linhares. — 3a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- COLLINS, H, Patrícia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 2. ed., Cambridge, Polity, 2020
- DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. Tradução Sérgio Miola. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 1961.
- GONZALEZ, Lélia. **Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos Lingüísticos e Políticos da Exploração da Mulher**. Pittsburg: 8o. Encontro Nacional da Latin American Studies Association, 1979.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p.223-244, 1984.
- GONZALEZ, Lélia. **Mujeres por um desarrollo alternativo**. Santiago, v. 9, pp. 133-41, jun. 1988. (Mujeres, crisis y movimiento: América Latina y el Caribe).
<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>
- GONZALEZ, Lélia. “**A categoria político-cultural de amefricanidade,**” Tempo Brasileiro, 92/93 (jan/ jun. 1988): 69-82. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>
- MALDONADO-TORRES, Nelson. **La descolonización y el giro des-colonial**. Tabula rasa, n. 9, p. 61-72, 2008.
- MOREIRA, Núbia Regina. **Feminismo Negro Brasileiro: Igualdade, Diferença E Representação**. Minas Gerais: 31º Encontro Da ANPOCS, ST: 18: Estudos de Gênero:

teoria e pesquisa, 2007. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-31-encontro/st-7/st18-5/2961-nubiamoreira-feminismo/file>

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processos de um racismo mascarado**. 1ª ed – São Paulo: Perspectivas, 2016.

NETO, Antonio Alves de Teixeira. **Anastácia-Escrava e Mártir Negra**. Editora: eco. 8a ed. 2010.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “**Escrevivência**” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. In: Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 2, mai./ago. 2009.

PEREIRA, Ana Claudia Jaquetto. **Feminismo negro no Brasil: a luta política como espaço de formulação de um pensamento social e político subalterno**. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 Desafios Atuais dos Feminismos, 2013

PIMENTEL, Elaine; WANDERLEY, Nathália. **Silêncios e mitos numa perspectiva interseccional: do controle informal de corpos ao controle penal de mulheres negras**. Revista Brasileira de Políticas Públicas, Brasília, v. 10, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br > view>

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. 2010. 0. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r>

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019. 408 p. RIBEIRO, Djamila. **Feminismo Negro Para Um Novo Marco Civilizatório; Uma Perspectiva Brasileira**. Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Bárbara. **Teatro de las oprimidas: estéticas feministas para poéticas políticas** / Bárbara Santos. - 1ª ed ampliada. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2020.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido Raízes e Asas: uma teoria da práxis**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo":** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.47.2012.tde-21052012-154521.

TONETO, Maria Bernardete. **Estética e resistência em rede e em cena do Teatro das Oprimidas**. Extraprensa, São Paulo, v. 15, n. esp, p. 98 – 118, mai. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.194411>

WALLERSTEIN, Immanuel. **Creacion Del Sistema Mundial Moderno**. En un mundo jamás imaginado. Editorial Norma. Colombia. 1992

_____. **PROJETOS, Teatro Das Oprimidas (Teatro Do Oprimido).** Canal do Centro de Teatro do Oprimido, 2010.

_____. **O Desenvolvimentismo Deixa um Rastro de Injustiça.** Entrevista realizada por Marcello Corrêa. O Globo. 2016.

_____. https://www.politize.com.br/o-que-sao-minorias/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjw-IWkBhBTEiwA2exyOxVVXxPskNeNDB83CueF1BeKB6IAK414vKCsW4v0AcdBjCIJfng2ExoCS4AQAvD_BwE

_____. <https://portal.fgv.br/artigos/participacao-mulheres-negras-mercado-trabalho>

_____. <https://utida.medium.com/parte-9-dramaturgia-do-teatro-do-oprimido-e-a-estrutura-dram%C3%A1tica-do-teatro-f%C3%B3rum-9bd4bff5e0d5>

_____. <https://revistaphilos.com/teatro-das-oprimidas-por-barbara-santos/>

_____. <https://utida.medium.com/parte-8-teatro-das-oprimidas-8cd0d581a883>

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por tudo que tem feito na minha vida, me permitindo ultrapassar todos os obstáculos que apareceram durante a minha jornada.

Agradeço ao meu irmão, Thallison Nobre, por toda amizade, amor, parceria, entusiasmo, por sempre acreditar em mim, por enxergar coisas que muitas vezes não vejo e pelo companheirismo que me deu ao longo não somente deste trabalho de conclusão de curso, mas da vida.

Agradeço a minha mãe, Thâmisa Sales, por seu carinho acolhedor e por torcer por mim. Agradeço ao meu pai, Robério Nobre, por sempre ter investido na minha educação e desenvolvimento acadêmico.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Paulo Kuhlmann, que além de ser um orientador/desorientador, foi um amigo nesses 4 anos de graduação e viu potencial em mim mesmo quando eu mesma não via e que embarcou nessa jornada que começou lá no PIBIC e agora se encerra no TCC.

Agradeço a todos que compõem o grupo de estudos que participei nesses 4 anos, PUA e GEPASM, com vocês foram dias incríveis e cheios de alegria que adoçaram muitos momentos amargos na minha vida.

Agradeço às amigas que a vida em João Pessoa me deu, que dividiram a vida comigo e me ensinaram tantas coisas sobre como é poder sonhar e ser você mesma e que nisso não há mal algum, me ensinaram como estar viva e levar a vida mais leve, a energia que sentimos e que trocamos durante esses anos foi um presente de Deus para mim, a Lorena Brazão, Relva Limaverde e Cássia Correia, minha eterna gratidão, cada momento com vocês ficará marcado no meu coração como uma tocha acendida pelo Senhor.

Agradeço aos meus colegas de turma em especial a Giovanna Alves, Vivian Campos, Rebeca Melo e Ana Paula Amorim por deixarem os anos de graduação mais alegres e divertidos, desejo todo sucesso do mundo a vocês.

Agradeço a todos os funcionários e professores da Universidade Estadual da Paraíba campus de João Pessoa pelo zelo e cuidado com os alunos, não existiria a graduação como é hoje sem vocês.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro no início da minha jornada como pesquisadora na graduação.